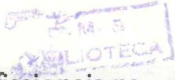


Maio 2007
N.º 2

Preço: 1€
Directora: Ana Isabel Loureiro
Directores adjuntos: Cristina
Oliveira e Ana Lourenço
jornal.bute@portugalmail.pt

 Cursos Profissionais na
ESAF:
Técnico de Design
Técnico de Multimédia

Uma escolha para o teu
10º ano

Nesta edição, um CD ilustrativo
destes dois novos cursos

BUTE

jornal da escola secundária alcaides de faria barcelos



Entrevista
Autor do Livro
"Romance"
Francisco Carmelo



Festa das Cruzes
"Ah! Se Eça de
Queirós fosse
Barcelense..."



Opinião
"Da escola como
espaço de
(trans)formação"

OPINIÃO A Importância do Inglês no Mundo Global

Cândida Queirós



Ninguém duvida que hoje, mais do que nunca, vivemos num mundo global onde a percepção que temos de distância e de tempo nada tem a ver com o passado. A mobilidade de tudo e de todos tornou-se uma constante e a informação e o conhecimento entram em nossas casas sem pedir licença. A facilidade com que as pessoas se movem num mundo cada vez mais próximo deu origem a sociedades mais multilinguísticas e multiculturais, onde o exotismo de cada cultura deixou de estar confinado ao seu próprio espaço para se misturar, influenciar e alterar através do contacto com outras culturas noutros espaços.

Os lugares, o tempo e as fronteiras perderam a sua relevância, a comunicação entre os povos acelerou-se e a Língua Inglesa desempenha hoje um papel fulcral ao adquirir o estatuto de língua mundial. Todos nós sabemos que o Inglês é a língua dos negócios, das tecnologias, da música, do cinema, do turismo, das conferências internacionais, dos intercâmbios académicos, enfim, é a língua mais usada nos quatro cantos do mundo, onde a necessidade de expressão não nos deixa outra alternativa.

Aprender Inglês tornou-se imperioso, necessário e urgente. Aprender Inglês tornou-se um bem de primeira necessidade. Hoje, ninguém se pode dar ao luxo de ignorar a língua que dá voz à comunicação global. Aprendamos, pois, Inglês para que o nosso currículo não fique ensombrado por esta inaceitável lacuna. Aprendamos Inglês para não ficarmos dependentes de outrem sempre que nos apeteça viajar por esse mundo fora. Aprendamos Inglês para decifrar a mensagem daquela canção de que tanto gostamos. Em suma, aprendamos Inglês, caso contrário, pertenceremos ao grupo dos semi-analfabetos do século XXI.

REPORTAGEM O que se diz também se escreve

Ana Loureiro, Cristina Oliveira, Margarida Lourenço, Bruna Emery

O que achas da globalização?

É... nome bonito, mas só se aplica em certos países. Há alguns países como, por exemplo em África que ainda ninguém sabe o que é isso.

O que pensas da imigração ilegal?

É a única solução para os problemas de alguns.

Por um lado acho mal, mas também não há meios para a imigração legal portanto... cada um faz o que pode pela vida.

O que pensas do ruído na escola?

Há muito, principalmente nos intervalos, no polivalente e à beira do bar.

É mau, claro, interfere na concentração, etc.

Demasiado, principalmente na biblioteca, que devia ser um local de estudo e no polivalente.

Tens uma alimentação saudável?

Mais ou menos.

Tenho.

Tento ter.

Não. Por acaso até é muito má.

És racista?

Não. Às vezes discrimino um bocadinho, mas racista não.

Concordas com a proibição de alguns produtos do bar?

Concordo porque alguns prejudicam muito a saúde dos alunos.

Sei lá! Não os compro...

Acho mal! Cada um deve ter consciência do que come.

Consideras que vivemos num mundo racista?

Muito, porque ainda se vive no preconceito.

O que pensas sobre a liberalização do aborto?

Concordo, porque as pessoas têm o direito de decidir e não devem ser punidas por isso.

Sou a favor, mas não em todos os casos.

Acho mal, porque vai dar-se a banalização do aborto.

Praticas desporto? Porquê?

Não, porque sou muito preguiçosa.

Mais ou menos, sei lá... natação, futebol, etc.

Sim. Tênis e culturismo.

Sim. Com muita frequência.

Sim. Aterragem, com duas variantes: sofá e cama.

EDITORIAL

Ana Loureiro

O BUTE é apresentado à comunidade escolar no dia 25 de Abril. A primeira edição do jornal da ESAF começa a ser vendida. Entusiasmo, curiosidade, interesse sente-se na cara daqueles que o lêem pela primeira vez, comentários a um artigo, críticas a outro, até já perguntam pela data da próxima edição! Mas esta realidade perde-se naquela que realmente acontece.

Afinal, hoje, muitos ainda não sabem o que é o BUTE, nem procuram saber, é bem mais fácil dizer que a escola não evolui, que não desenvolve, que nela 'não se passa nada' do que procurar ou deixar-se envolver pelos acontecimentos.

Bem sei que o BUTE tem meia culpa, a divulgação deste jornal deveria ter sido mais apelativa, mas acreditamos que a comunidade escolar (que se diz tão activa, interventiva, diferente) abraçasse com mais interesse este projecto.

É urgente estarmos atentos a atitudes como esta. O desleixo, a despreocupação, a acomodação fazem parte do mundo dos jovens do século XXI, aqueles que querem evoluir sentados no sofá, aqueles que querem abrir a sua mente aos brutais jogos de perícia virtuais e não podemos deixar de lado os jovens desenvolvidos e astutos da nossa sociedade, aqueles que são independentes (com mesada), aqueles que não são cocós!

Uma geração 'desordenada' que quer ser glorificada, mas que não valoriza o que lhes poderia dar uma pouco de cultura, mas sim o que lhes pode proporcionar o relaxamento e o tão merecido descanso, nestas idades tão esgotantes.

É necessário mudar esta mentalidade e fazer com que esta geração perceba que a cultura comanda o sucesso, a exaltação, a elevação que tanto procuram alcançar. E a leitura é um dos meios mais fortes que nos levam à intelectualização. Por isso, BUTE recomenda-se!

O BUTE não é 'a cultura', mas a cultura pode começar por aqui.

OPINIÃO Comer Portugal

Mafalda Remelhe, Fernando Durães e José Luis Quesado

Cozido à portuguesa? Migas de broa? Açorda? Arrisco-me a dizer que muitos dos que nesta escola "vivem" não sentem o sabor de tão portuguesa comida, desde há muito, muito tempo...

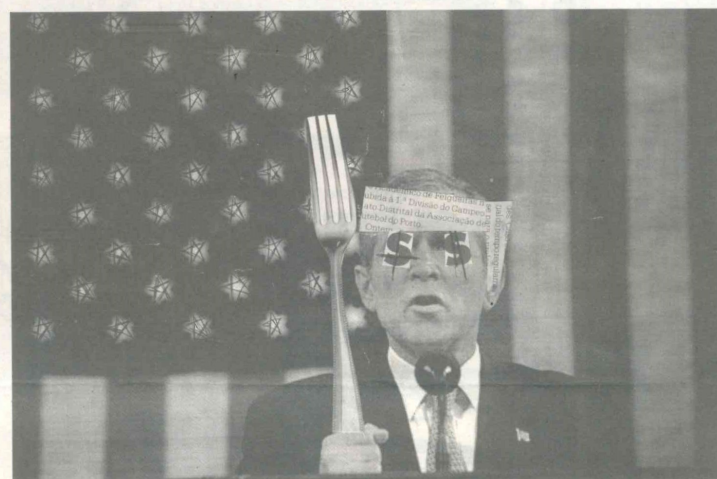
Temos vindo, gradualmente, a renegar a nossa gastronomia, substituindo-a pelos magníficos super hamburgueses e sumos de um litro para uma refeição de pão (?). O azeite que tão importante é (ou pelos menos era) na nossa cozinha, aparece agora, digamos, nas batatas fritas de palito e nos temperos das alfaces.

É certo que ainda há sítios onde se come Portugal; no entanto, a cantina da escola, os centros comerciais, entre outros, não são, certamente, os melhores locais para provar Portugal. Os "típicos" são, aliás, 1 em cada 20 ou 30.

Embora tenhamos comidas à nossa disposição das mais diversas origens, e, tudo bem, é bom provar umas coisitas daqui, outras dali, mas daí a comer um pedaço de carne de porco (será carne?) no meio de um pão, em vez de um bom prato de bacalhau regado com azeite vai uma longa distância ou, a bem dizer, a estupidez de um Português.

Apesar da cantina não ser propriamente O Sabor de Portugal, será certamente preferível a comer pão recheados por "ingredientes" triturados (porque será assim tão difícil um bife inteiro? Ou o tomate ao natural?).

Pensem, então, há quanto tempo não degustam Portugal antes de trincarem qualquer suposta refeição plantada por um qualquer americano.



OPINIÃO O Maio de 1968

Eduarda Gomes

No final dos anos 60, a maior parte dos países industrializados conheceu uma agitação sem precedentes. Estando a viver numa sociedade de bem-estar e num período conturbado (os anos da guerra fria, as guerras da Coreia e do Vietname), a maioria dos jovens americanos e europeus cada vez sentia mais dificuldades em se integrar na sociedade.

Em Maio de 1968, teve lugar em França o mais dramático conflito estudantil. No dia 3 do mesmo mês, os estudantes universitários (principalmente os da Sorbonne, em Paris) fizeram uma manifestação, exigindo, entre outras coisas, a reforma de todos os cursos, dos métodos de ensino ultrapassados, da organização dos exames e também do fim da separação sexual nas instalações universitárias. Em parceria com estas exigências, os jovens também contestavam a política do governo.

A agitação espalhou-se por toda a cidade. Como em quase todas as manifestações, a polícia interveio armada e, desta forma, as cenas de pancadaria e de brutalidade na intervenção das autoridades foram um facto evidente e previsível. Consequentemente, foram detidos os líderes estudantis e acabou por ser encerrada a Universidade de Sorbonne. Mas estes acontecimentos não pararam a juventude, pois estes ergueram barricadas usando pedras da rua e automóveis, arremessando à polícia de choque.

Aproveitando o movimento dos estudantes, milhões de trabalhadores entraram em greve contestando os seus salários miseráveis e as más condições de trabalho.

OPINIÃO Recompensa

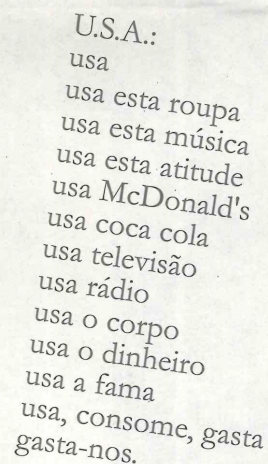
Rui Manuel Vieyra

Pelos desastres do passado, o Homem peca no presente e pela inocência do presente se aprisiona para o futuro, porque se torna dependente de um destino que idealiza perfeito, espera o seu chegar e nunca se dá por satisfeito, o Homem considera-se sempre alguém especial e ao mesmo tempo um simples por entre outros tantos, desde que conheci realmente o Homem, achei que a Vida perdeu o seu sentido, afinal tento eu construir laços fortes e aparecem detalhes que os destroem?

Será que vale mesmo a pena lutar, lutar contra a falsidade, lutar contra a Hipocrisia, lutar contra sorrisos externos cobertos de ódio, lutar contra lágrimas de encenação, lutar contra penteados, tecidos que cobrem o coberto, programas que mudam o visual, teclados que fazem

pele e folhas de papel de livros de Saramago ignoradas, pois preferem esquecer tudo o que a palavra tem de bom, para envergarem pelo caminho mais fácil, o de serem falsos e hipócritas, eu vou ser aquilo que sempre me comandou, a verdade, nem que para tal seja posto de lado, mas pelo menos fico sempre com uma certeza, de que mesmo chorando, tenho a consciência tranquila, e no fim de tudo, se esta é a minha glória, morra então hoje, porque se não tiver glória na vida por ser sincero, tenha glória na morte e espero sinceramente não ver ninguém chorar por mim, porque a pessoa que mais me ama sou eu e no entanto, podia perguntar: Tantos sacrifícios para ser crucificado? E se a vida que vivi não compensou? Seja então a morte a minha recompensa por todo o mal que aqui passei e que faça

ver aos que cá ficam que afinal devem dar valor aquilo que têm e talvez a minha vida pudesse ter sido uma glória se valor me tivessem dado, uma palavra de apreço por todos aqueles que se dirigiram a mim com sinceridade nos momentos mais felizes da minha vida, porque foram poucos mas bons e deixar um sentimento de culpa a todos aqueles a quem consegui abrir os olhos, porque na vida compensa ser cobarde, ser ignorante, ser falso e hipócrita e não foi este texto escrito para me enaltecer, porque afinal um Homem que escreve sobre si já está a ser fraco e é assim o pensamento de um fraco, o meu pensamento, infelizmente não me deixa odiar ninguém, daí que possa dizer que tenho inveja de quem odeia, tenho em mim uma complicada luta interior.



REPORTAGEM Remodelar a ESAF

Ana Trigueiros, Cristina Barreto, Hugo Lourenço e Ricardo Rêgo



Nas paredes da escola, os alunos que por elas passam gravam os seus sentimentos. Nas paredes da escola sentimos convívio, amizades, rivalidades, amores, desamores, desabafos, ideias. Nas paredes da escola nós nos tatuamos. E foi a turma de artes visuais 12ºH que tomou a iniciativa, no âmbito da disciplina de Área de Projecto, de inovar e remodelar algumas paredes da escola.

Chegamo-nos mais de perto para saber mais e para darmos conhecer à comunidade escolar os objectivos, as ideias e aspirações destes alunos.

Cristiano Silva, Marco Novais, Sara Silva e Viviana Pereira responderam às nossas questões de forma construtiva, com ideias firmes e interessantes.

Como surgiu a ideia de renovarem ou modificarem a pintura de certos locais da escola?

A ideia surgiu do estado lamentável em que a escola se encontra. Porém, apesar do esforço, por parte da nossa turma, para alterar alguns aspectos, não nos é possível recuperar toda a escola. Esperamos que os membros da escola tomem a atitude de continuar o nosso trabalho.

Em que se basearam para efectuar essa mudança?
O principal objectivo é o bem-estar dos alunos e restantes membros da escola. Queremos local de obrigação, para muitos, num sítio mais apelativo para quem a frequenta.

Porquê a escolha deste espaço?
Porque o bar e o ginásio são dos

locais mais frequentados pelos alunos.

Qual o critério usado para a escolha das cores e do tema?
Os temas utilizados estão relacionados com os locais modificados, utilizando as cores que julgamos mais apelativas. Estão também relacionadas com o gosto colectivo.

Que tipos de materiais foram usados?

Um preparado de matéria-prima (tintas, pincéis, andaimes) e mão-de-obra (4 elementos) com uma pitada de inspiração.

O que pensam do espaço escolar em termos de estética?
Está muito mal conservado e a estética podia ser inteiramente remodelada, uma vez que se encontra totalmente degradada. **Que ideia pretendem transmitir?**

Pretendemos que consigam interpretar o nosso trabalho. Aham que a escola poderia ser melhor se todos os alunos a respeitassem mais?

Óbvio que sim. Respeitar o espaço escolar é dever de todos.

Habitualmente os alunos não preservam o espaço escolar nem têm o devido respeito pelo trabalho dos colegas. O que vos leva a agir de forma diferente?
Nós conhecemos a dificuldade de fazer um trabalho. Respeitamos o empenho dos colegas porque também queremos que respeitem o nosso.

Tudo cheio de lixo no chão, cantina com teias de aranha. O que é preciso fazer para alterar este estado das coisas?

O lixo no chão depende de cada

um de nós. Em relação às teias de aranha, em primeiro lugar, já não existem porque um grupo da nossa turma remodelou a cantina, logo limpou as teias de aranha (onde não deveriam existir), em segundo lugar, não dizem respeito aos alunos, mas sim à limpeza feita na escola.

Estás contente com o teu curso de Artes? O que achas do novo currículo?

Sim. Temos uma opinião muito pessoal.

O que mais te marcou na escola?

Os amigos e novos conhecimentos. Aham que o vosso trabalho vos proporciona uma visão diferente da escola?

Sim, sem dúvida.

Agora que terminas a tua carreira liceal e com alterações vindas do tratado de Bolonha, como prevê o teu futuro no ensino superior e no mercado de trabalho?

Tudo depende das notas afixadas no final do período.

OPINIÃO Acontece no Espaço Zero

Francisco Maia

Acontece. Voltou a acontecer: o *Espaço Zero* cobriu-se de Expressão. Plástica. Cor.

Uma exposição mista, de trabalhos de pintura e de fotografia, preenche as suas paredes, desde o dia 8 de Maio.

"*Imperfeccionismo Metódico*": óleo sobre tela, de Abílio Morais. "O percurso para nenbures - Da génese ao conceito final do processo criativo": fotografia plástica por Hugo Machado.

Pintura e fotografia integram-se numa iniciativa, concebida e realizada pela Área Disciplinar de Filosofia, enquadrada na temática: *Dimensão estética da acção humana*, do programa de 10.º ano, que constou ainda, no primeiro dia, de duas conversas em torno da Estética e da Arte, uma debruçando-se sobre algumas correntes da história da Arte, outra explorando a relação artista e obra de arte.

Em ambiente informal, as conversas foram dinamizadas pelos autores dos trabalhos expostos e dirigidas pelos alunos do Ensino Recorrente Nocturno. No final, os participantes, visitaram a exposição e falou-se de *imperfeccionismo metódico* e sobre o *percurso para nenbures*.

As obras (de arte?) estiveram penduradas até ao dia 21 de Maio.

"Toda a arte é como um espelho onde o Homem reconhece e reconhece qualquer coisa de si mesmo que ignorava", dizia Alain. Por isso, deve mergulhar-se. No Espaço Zero.



Estas são as obras que já se encontram. Abílio Morais

ENTREVISTA Professor Francisco Carmelo

Eduarda Gomes e Sara Santos



Como surgiu a ideia de lançar um livro?

É um sonho muito antigo, porque eu acho que escrever tem sempre um destinatário, tem sempre um outro a quem nós queremos chegar. Depois, circunstancialmente, foi um amigo que deu a ideia, que formou uma editora e achou por bem que eu editasse um livro. Esse amigo foi o Eduardo Carvalho.

Qual o motivo que o levou a escrever o livro "Romance"?
Romance porque eu concebo a vida como um romance, concebo a escrita como um romance. Pretendo chegar a alguém, atingir o outro no coração.

Porque escreveu um livro de poemas e não de outro género literário?

Porque é a minha forma de estar na escrita. É quase uma forma de vida que ponho em poesia. Os livros que editei ou vou editar podem não estar conseguidos, mas eu tenho umas leituras múltiplas e pelas leituras que fiz tenho a noção do que é escrever bem e do que é escrever mal.

Qual a razão do título do livro?

Escolhi *Romance* porque a composição do meu livro é o amor. O objectivo dos meus livros é o amor, é a paixão.

Em que se baseou para escrever o seu livro?

Baseie-me sobretudo em múltiplas leituras e depois procuro esquecer o que li e fazer as coisas a meu gosto, determinado por mim.

Os poemas que integram o seu livro foram escritos propositadamente para este?

Sim, eu fui recolhendo ao longo dos tempos. É uma antologia de imensos poemas que eu fiz, sensivelmente, ao longo dos últimos vinte anos.

O seu livro dirige-se a algum público em especial?

Eu escrevo para atingir toda a gente, dos mais ricos aos mais pobres, dos mais pequenos aos mais velhos. Procuro uma linguagem simples, mas por vezes não atinjo essa transversalidade na linguagem.

Qual o poeta/ escritor de que mais gosta? Porquê?

Em Portugal, Fernando Pessoa. Foi um poeta que foi muito longe no conhecimento quer dos outros, quer de si mesmo. No estrangeiro talvez São João da Cruz, que é um poeta místico espanhol que acredita em Deus, mas não se desliga do corpo. Pode-se dizer que tem uma poesia quase erótica.

Qual (ais) o (s) livro (s) que aconselha aos jovens? Porquê?

Há tantos, centenas mesmo, que eu não posso dizer algo em concreto. Talvez a poesia de Rui Belo, é essencial porque é uma poesia em que a matéria é o seu decibel, é o afecto, o amor e é dor... é o amor e é a morte.

Na sua opinião, qual é a razão para o facto de os jovens de hoje não lerem tanto?

É pela concorrência dos media de algumas formas de cultura que têm surgido. Também porque para a literatura é necessário como que um passe para chegarmos lá, para entendermos o que é pretendido. É preciso algum esforço e os jovens desistem muito facilmente desse esforço. Falta-lhes muitas vezes a aplicação e esquecem formas básicas da literatura. Por exemplo, eu fico triste que as pessoas não leiam tanto Eugénio de Andrade, que é um poeta ligado aos sentidos e que toda a juventude portuguesa deveria ler. Eu até me esqueço que tenho tão poucas companhias na leitura... há muitos livros bons, óptimos mas eu de forma geral esqueço-me que há muito pouca gente que lê alguma coisa de significativa.

Qual a sua opinião sobre a literatura portuguesa?
É muito rica, mas muito pouco lida.

Além de escritor, o professor também é um leitor. O que é que mais lê?

Eu leio mais poesia e crítica literária. Crítica da poesia e do romance. De todos os livros que leu até hoje qual foi o que mais o marcou?

Numa altura em que eu pensava que era necessário unir o romance à poesia, o romance não ser assim tão árido de sentimentos e de fragmentos, surgiu-me um livro.... Um livro que li numa noite de passagem de ano. *Um falcão em punho* de Maria Gabriela, é o livro que mais me marcou porque é imensamente afectivo e faz a ponte entre a poesia e a prosa.

ENTREVISTA Professor Portela - Projecto de robótica

Patricia Torres, Sara Santos

O festival nacional de robótica realiza-se há seis anos e este ano teve lugar em Guimarães, de 28 de Abril a 1 de Maio, organizado pela Universidade do Minho.

Todos os anos este evento se realiza em cidades distintas.

Neste festival, os alunos da ESAF puderam ainda ter acesso a um Encontro Científico de investigadores e empresários nacionais na área da robótica, em que apresentaram os mais recentes resultados do seu trabalho.

Consequentemente, o professor Portela, responsável por este projecto, respondeu a algumas questões elaboradas pelo BUTE.

Como surgiu a ideia de participar no projecto Robótica?
É o segundo ano que participamos neste projecto. O ano passado fomos convidados por uma associação de professores de electrotécnica e electrónica a integrar este projecto de Robótica. É uma prova nacional que todos os anos se realiza e que envolve várias escolas e universidades. Esta consiste na realização de várias provas relaccionadas com robots. Nós entramos numa prova dedicada mais aos alunos do secundário que se chama "Busca e Salvamento".

Em que é que consistiu o projecto apresentado?
Consistiu na realização/construção de um robot que tem de fazer uma série de provas e tem também que possuir determinadas capacidades, como seguir uma pista, detectar vítimas (que são autocolantes verdes e prateados que estão no

chão), contornar obstáculos, seguindo uma linha com várias interrupções, tendo que voltar a encontrá-la.

Quais os objectivos ao criar um robot como este?

Estimular o interesse dos alunos pela ciência e pela electrotécnica são os principais objectivos. São projectos em que os alunos se envolvem bastante e que são muito estimulantes.

Quais as funcionalidades do robot?

Como já referi, anteriormente, o robot segue linhas, contorna obstáculos, retoma pistas e detecta vítimas.

Quais os materiais usados na sua construção?

A base é um micro-processador que é o cérebro do robot. Tem também uma série de sensores ópticos para detectar vítimas, seguir linhas e outros sensores que fazem com que quando o robot toca em algum obstáculo se desvie para prosseguir o caminho. Essencialmente é assim.

Quais os obstáculos que surgiram ao criar o robot?
As principais dificuldades são essencialmente duas: a primeira é a nível físico, em que o robot tem de ser equilibrado mecanicamente, para que consiga subir rampas, mas também que os sensores sejam fiáveis; por outro lado, temos outra difícil componente que é a programação do robot, do micro-processador.

Quais as turmas envolvidas neste projecto?

As turmas de electrotécnica, de mecânica que também colaboraram na parte física (rodas, chassis, etc). O ano passado as turmas de artes também colaboraram, mas este ano não.

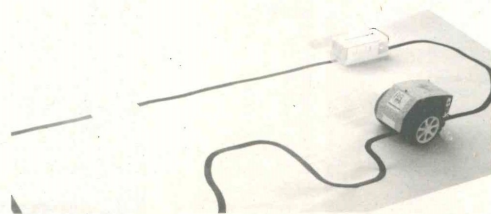
Qual foi o feedback dos alunos?

Foi muito bom, são experiências muito interessantes que os alunos gostam bastante, são estimulantes e onde se aprende muito.

O resultado correspondeu às expectativas?

Nós ficámos classificados em 20.º lugar num total de 160 participantes, sensivelmente, o que não é muito mau, mas que poderia ser melhor. A prova não nos correu muito bem, pois houve algumas falhas humanas, mas faz parte da competição. O resultado foi bom.

Podes encontrar mais informações no site: www.robotica2006.dei.minho.pt





Perante a arena social em que tudo é fugaz e a escola valoriza quase exclusivamente o efêmero e o célere, transformando-se, por vezes, num verdadeiro “deserto axiológico” (Estrela, 2001), pretende-se concitar a reflexão, mais que esgrimir perspectivas, sobre o papel do aluno nas tomadas de decisão curricular e acerca de alguns desafios que se colocam actualmente à instituição escolar. Todas as sociedades, épocas, grupos económicos e políticos tendem a propor à escola um ideal, que deverá responder a determinadas exigências ou requisitos de um grupo.

Perspectivada durante décadas como uma organização “fechada”, pretende a Administração Central que a escola se alimente da seiva da autonomia (veja-se, a título exemplificativo, o “longínquo” Decreto-Lei 115-A/98), ainda que coarctada pelas imposições decretadas a nível macro e cada vez mais a nível mega, dada a intervenção europeia que tem determinado parte das orientações curriculares portuguesas.

Hodiernamente, as tecnologias de comunicação e informação, em vez de “encurtar distâncias”, vieram agudizar as gritantes desigualdades culturais, económicas e sociais e reiterar o fosso entre aqueles que têm acesso a tudo, inclusive conhecimento, e outros que continuam submersos numa teia de precariedade, pobreza e ignorância.

Esta é a realidade dos nossos alunos: grupos de elite convivem - ou pretende-se que convivam - com discentes que apenas procuram na instituição escolar o convívio com os colegas ou satisfazem os números de um Estado (União Europeia) que os obriga a frequentar a escola (“poço de saberes”), sob a égide da gratuidade e da igualdade de oportunidades.

Segundo Develay (1996), a instituição escolar e a sociedade divergem, pois a primeira: “aposta no longo prazo, na espera e na paciência, ao passo que a outra promove o curto prazo, o instante e o imediato”. Tratando-se, na minha opinião, de uma instituição “reclusa”, em que o exterior encontra barreiras para penetrar e alargar horizontes, a escola colide com uma sociedade paradoxalmente exigente, competitiva e constituída por grupos com interesses muito divergentes, o que dificulta a sua actuação no sentido de congregar esforços para responder às exigências de todos. Como me dizia há dias um aluno do ensino secundário, até ao 9º ano “podia brincar, dois meses depois exigiam-me que fosse adulto!”. De facto, estou convencida de que a raiz do problema é aquilo que é pedido ao aluno durante o seu percurso escolar. Em rigor, até mesmo em relação aos professores essa ambiguidade persiste, pois lecciona-se, até ao 9º ano de escolaridade, o básico mais básico, não se preparando os discentes, na minha opinião, para o grau de exigência que os espera no ensino secundário.

Caracterizada como um “corpo fragmentado”, a escola debate-se com problemas de diversas ordens, dos quais destaco: 1) um corpo docente descontente e insatisfeito com as condições de trabalho; 2) alunos alienados e indiferentes ao que a instituição escolar propõe, pois raramente as suas opiniões são ouvidas. Como reconhece Mac an Ghaill (1992): “os alunos continuam ausentes dos processos de decisão institucionais nas escolas secundárias”. Se considerássemos, como se faz em muitos países europeus, a perspectiva dos alunos como um elemento importante na compreensão mais abrangente do ensino e da aprendizagem, talvez os preparássemos de forma mais eficaz para uma sociedade exigente, que apenas requisa os melhores, aqueles que estão muito bem preparados. Como reagiriam os diferentes actores educativos se Portugal seguisse o caso de Inglaterra, onde o currículo integra a disciplina de Criatividade ou os E.U.A., que têm a disciplina de Argumentação no plano de estudos do ensino secundário?

Concomitantemente, assiste-se à passividade de muitos encarregados de educação, que se demitem das suas funções de educadores, na célula primeira que é a família. Atente-se, por exemplo, àquilo que Estatuto do Aluno do Ensino não Superior prevê como deveres dos encarregados de educação (“Aos pais e encarregados de educação incumbem, (...) uma especial responsabilidade de, inerente ao seu poder-dever, dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem activamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos (alínea 1, art.º 6º) e o afastamento dos pais (Encarregados de Educação) que constatamos, na prática, nas nossas escolas.

Não obstante estes e outros problemas diagnosticados, creio que a mudança se tem vindo a operar. Veja-se a disciplina de *Área de Projecto*, no 12º ano, que implicou uma alteração substancial da “gramática da escola” (Bolívar, 1996). O aluno foi chamado a reflectir, a investigar e a trabalhar na lógica de projecto, desenvolvendo ainda mais a sua autonomia e as suas competências, já não dependendo exclusivamente do professor, mas encarando-o como um orientador de um projecto, que apela à pesquisa científica, à criatividade, à descoberta, à iniciativa individual/grupal e o prepara mais e melhor para o mundo laboral e/ou universitário. Neste sentido, o professor assume-se como um profissional que projecta e reflecte sobre o processo e imprime dinâmicas activas e críticas no seio da comunidade educativa onde trabalha, conduzindo os alunos a um ensino pela descoberta. Nesta linha de pensamento, urgem práticas de colegialidade, para que todos se sintam “peças de um puzzle”, o qual depende de todos para estar completo.

De sublinhar também que mais autonomia confere, igualmente, mais responsabilidade a todos os actores, sobretudo aos alunos, mais habituados a escutar e não operacionalizar...

Numa escola tradicionalmente apática e insensível às diferenças, onde impera a tensão entre a obtenção de elevadas classificações e a aquisição de competências práticas, cabe aos discentes o empenho e o saber estar/ser para se formarem integralmente, para serem respostas pró-activas na sociedade, que já não espera apenas licenciados com médias muito altas, mas profissionais altamente qualificados (não apenas certificados!), que enfrentam requisitos laborais cada vez maiores.

Estou convencida de que só dessa forma se poderá combater a paralisia que vitima a escola, onde a inércia caracteriza práticas educativas rotineiras e vazias de sentido. Ao fazê-lo, a escola aposta na formação integral e não apenas na transmissão de conteúdos, muitas vezes estereis e afastados daquilo que preenche verdadeiramente os alunos.

Desse modo, a escola transforma-se num espaço aglutinador de (trans)formação, quer do corpo discente quer docente, pois a comunidade avança na criação de um tecido homogêneo, respeitando as idiossincrasias de cada agente educativo, desde os professores, alunos, funcionários, encarregados de educação e outros agentes locais, cada vez mais chamados à colaboração.

Cônsia da complexidade e abrangência de que se revestem as questões supramencionadas, trabalhe todos com responsabilidade e afinco, pois só dessa forma combatemos os *ghetos* que se vão formando na escola “inclusiva”, nesta tendência “incomodante” para homogeneizar o que, por natureza, deve ser integrado nas e pelas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOLÍVAR, A. (1996). El lugar del centro en la política actual. Más allá de la reestructuración e de la descentralización. In M. Pereyra, J. Minguéz, M. Beas & A. Gómez (Org.) *Globalización y descentralización de los sistemas educativos*. Barcelona: Pomares, pp. 237-266.
- Decreto-Lei nº. 30/2002, de 20 de Dezembro (Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior).
- DEVELAY, Michel (1996). *Donner du sens à l'école*. Paris: ESE.
- ESTRELA, M. T. (2001). Questões de Profissionalidade e Profissionalismo Docente. In Teixeira, M. (org.) *Ser Professor no Limiar do Século XXI*. Porto: ISET, pp.113-142.
- MAC AN GHAILL, M. (1992). Student Perspectives on Curriculum Innovation and Change in an English Secondary School: An empirical study. *British Educational Research Journal*, 18 (3), pp 221-233.

REPORTAGEM Encontro de Coleccionadores

Ana Trigueiros e Ana Loureiro

No dia 28 de Abril de 2007, realizou-se na Escola Secundária Alcides de Faria, o III Encontro Nacional de Coleccionadores, com o objectivo de venda, troca e divulgação do coleccionismo. Desde livros, selos, moedas, pacotes de açúcar ou mesmo cromos de futebol, tudo esteve exposto para uma variada mostra de colecções de todo o país.

O BUTE esteve presente e entrevistou o vice-presidente da ACOBAR – Associação de Coleccionismo de Barcelos, que organizou esta iniciativa, Sr. Carlos Figueiredo Pereira.

Quando e por que começou a coleccionar?

Comecei a coleccionar porque quando era miúdo de escola, havia uns rebuçados que traziam papéis com fotografias de jogadores de futebol a embrulhá-los e a partir daí comecei a coleccionar cromos de futebol. É uma das colecções mais antigas que tenho.

Que tipos de colecções faz?

Colecciono cromos de futebol, postais de estádios de futebol e galhardetes de clubes de futebol.

Pode descrever a satisfação que esta actividade lhe traz? Isto de coleccionar é uma paixão. É algo que não se consegue explicar, porque se consegue manter ao longo dos anos sempre a mesma paixão pela mesma peça. Nós temos gosto por todas as peças que temos, não gostamos mais de uma nem menos de outra.

O coleccionismo permite-lhe alargar os horizontes, quer a nível de conhecimento, quer a nível de contactos? Sim, a nível de contactos bastante. Tenho grandes contactos a nível nacional, Madagáscar, República Popular do Penim, ... A nível cultural, através do coleccionismo vamos sabendo coisas que têm a ver com as peças que colecionamos. Portanto, aprende-se um pouco da história da peça e evolui-se culturalmente.

Como definiria o conceito de coleccionismo?

Coleccionar é cultura. Coleccionar é ligar o passado aos vindouros. Coleccionar é uma paixão.

Vê a nova geração muito propícia ao coleccionismo?

Não, o que me deixa bastante preocupado, porque esta geração está a deixar-se levar pela era dos computadores, *gameboy's*, *playstations* e não está muito virada para o coleccionismo. E daí a nossa associação para divulgar o coleccionismo. Aliás, fizemos algumas exposições precisamente para incentivar os mais jovens a coleccionar.

Quem é que organizou este evento e quantos coleccionadores compareceram?

Temos 92 inscritos de todo o país. Quem organizou foi a associação de coleccionismo de Barcelos, mais conhecida por ACOBAR.

Queria aproveitar a ocasião para agradecer à Escola Secundária Alcides de Faria pela oportunidade que nos deu, concedendo o espaço para juntar tantos coleccionadores de todo o país.



OPINIÃO Ah! Se Eça de Queirós fosse Barcelense...

Ana Isabel Trigueiros

"(...) E aquele domingo de festa, o grande Sol, a gente pelas ruas, vestida de casimiras e de sedas de missa, enchiam-no de melancolia e mal-estar."

"(...) estavam ali todas as senhoras que vêm no High Life dos jornais, as dos camarotes de S. Carlos, as das terças-feiras dos Gouvarinhos. (...) Aqui e além um desses chapéus emplumados à Gainsborough, que então se começavam a usar (...) as peles apareciam murchas, gastas, moles, com um baço de pó de arroz. (...) "

"(...)depois a viscondessa de Alvim, nédia e branca, com o corpete negro reluzente de vidrilhos. (...) "

"... um canteirinho de camélias meladas."

"Entramos todos, Sr.ª D.Maria. Todos nós somos lodaçal."

Excertos de *Os Maias*, Eça de Queirós

Muitas das sátiras da literatura portuguesa, apesar de retratarem uma crónica de costumes de uma certa época, acabam por ter um valor intemporal. Isto porque muitas daquelas situações tão engraçadas e tão caricatas que podemos ler nestas obras, ainda hoje em dia se verificam. Mudam-se os tempos, de facto, mas vontades, só algumas.

Ah! Se Eça de Queirós fosse barcelense...

Até gostaria de saber como funcionaria a acção d' *Os Maias*, por exemplo, se esta se inserisse numa localidade tão peculiar como Barcelos do século XXI, (século XXI como quem diz). Certamente não faltariam inúmeras "corridas de cavalos", como acontece no capítulo X da obra. Uma enchente de gente a pavonear-se pela cidade, com a sua roupinha de domingo e sobretudo entusiasmadíssima com aquelas actividades que se fazem em média uma vez por ano. Como é o caso da sagradíssima Festa das Cruzes.

Quantos é que não vemos com os seus cabelinhos "à Cristiano Ronaldo", com os seus fiozinhos de ouro que lhe ofereceram

no baptismo e com as calcinhas justas e sapatinhos "pele de crocodilo falsificada" para dar nas vistas? Sim, aqueles que trazem o descapotável rançoso do tio e põem a música "a bombar". E quantas é que não vemos com os seus satinhos altos, caminhando entre os carrosseis e as barracas das faturas, uma "maquilhagem fabulosa", a purpura na cara e os vidrilhos na roupa? Afinal, Cruzes é Cruzes. É só uma vez por ano, temos que mostrar a nossa melhor roupa para que sejamos inesquecíveis (e de que maneira...).

Não duvido que seja uma festa divertida. A verdade é que os parques de diversões a sério, geralmente, encontram-se em cidades com mais relevo no mapa. Daí vem a piada de possuírmos algo assim. Imitar os superiores, que era precisamente o que se fazia na "corrida de cavalos". Dá-nos um ar mais urbano (mas só no sentido de ser mais movimentado). Só é pena a fraca estrutura das diversões de cada ano. Coisa que não muda aliás. Os alicerces destas, digamos assim para não lhes dar outro nome, são feitos literalmente de placas de madeira, artesanalmente encaixados uns nos outros com pregos ferrugentos, ao monte e fé em Deus.

Mas não seja isso que vá agora impedir a diversão de consumismo dos barcelensesinhos! Nunca perde a piada comprar mais uma fichinha e mais uma voltinha para andar no *swing*, nos carrinhos de choque ou noutra dessas distrações de elite. Depois, logo a seguir um cachorrinho quente ou uma francesinha, ali, daquela barraquinha, que lá são uma loucura! (Está bem, vá lá que as mãos do empregado sejam tão sebatas como o interior das suas orelhas, mas só a maneira como ele usa a vistosa unha do seu dedo mindinho para saltar a carne, já confere outro sabor ao prato).

Ah, claro. E agora é o final da noite. Viva a foguetada! Um exuberante ofuscar de luzes e de cores que não se distingue muito bem quais são as luzinhas dos carrosseis, quais são as do espectáculo pirotécnico. Sem poder faltar o concertozinho do cantorzinho pimba da moda ou da bandazinha de *pop-rock* que anda a fazer furor na rádio portuguesa. É interessante e curioso os nossos superiores lá do Município darem importância e tanto investirem em poucas semanas. Mas, lá está: "Cruzes,

são cruzes!". Cruzes, futebol e fogo de artifício nunca nos faltarão, nem que tenhamos que ter um hospital a cair aos bocados ou uma lacuna cultural escandalosa, tipicamente portuguesa.

Depois lá se acaba a festança. Lá se vão os carrinhos, os foguetes, as fichinhas, as voltinhas, os cachorros, as unhas compridas e os concertos. O que é que fica? O amontoado de papéis, guardanapos sujos e sacos plásticos. Isso já ninguém quer. Porém, em comparação com o que lá estava anteriormente, não sei muito bem a qual dos dois haverei de atribuir o termo "lixerada". Mas penso que um amontoado de papéis, guardanapos sujos e sacos plásticos era capaz de me fazer muito jeito.

Para aqueles que ainda não perceberam, só lhes vou dar mais uma palavrinha: está na hora de abrir a pestaninha e tornar a nossa existência de "tugazinhos" de Barcelos mais interessante e menos comodista. A verdade é que muitos falam, mas fora a boca nada mais mexe. Muitos criticam aqueles que realmente têm mérito e que lutaram por alguma mudança positiva. Infelizmente, para geral mentalidade provinciana de Barcelos, essas atitudes contêm demasiada areia para os seus camiõesinhos. Por isso o refúgio no consumismo e na indolência. Não é um universo que precisam de compreender, só de se deixar iludir.

E mais uma vez interrogo-me: Como seria um Eça de Queirós em Barcelos do século XXI? Ou um João da Ega, buscando inspiração para o seu "Lodaçal"? Possivelmente, encontrariam algo de muito peculiar nestas festinhas da terrinha que poderiam satirizar nas suas obras. Tenho é cada vez mais receio que as vítimas da zombaria sejam capazes de as ler. Porque um dia, de tanta fichinha que consomem, ainda dão uma voltinha mais grave à cabeça e perdem as faculdades de leitura. Aí é que seria mesmo uma tragédia, pois dessa forma nem sequer "Marias", nem "FHM's" nem "Bolas". Nadinha. Bem, fica o aviso...



apoios

TERRA LAR Imobiliária, Lda, Buela - Vila Boa, Barcelos Telefone 253809020
Mini Mercado Simone, Urb. S. José, Bl.5, Loja C, Barcelos.

ter
in.venção
soluções de design e comunicação